

concurso literário de acadêmicos

O Diretório Acadêmico Manuel Bandeira, do Instituto de Letras e Artes da PUCRGS, realizou um concurso literário patrocinado por esta Revista.

Hoje publicamos os melhores trabalhos em crônica e poesia: *Variações*, de Norma Maria Bloedow, e *A Claridade*, de Angelo Dall'Alba, da 1ª e 3ª série do Curso de Letras.

Variações

NORMA MARIA BLOEDOW

*você gosta de um poema romântico:
de versos que saiam espontâneos
e livres*

*como uma cascata
e faiscantes
como uma estrêla*

*você gosta de ouvir com os olhos canções sem-limite
e ver com as mãos espaços infinitos
e tocar com o pensamento matérias sensibilizantes*

você gosta de ler com o coração os segredos

*estão aí meus versos:
não são coisas grandes
nem tumultos inebriantes
nem passatempos impossíveis*

*a poesia nasce dentro de você
como uma sombra luminosa
como uma luz estonteante
e uma tontura inconsciente*

*e o poema romântico
que não sei pensar
nem escrever
está diante de você*

A Claridade

ANGELO DALL'ALBA

Era um vôo raso, na neblina, sulcos de luz. Cessa o vôo, meu sonho começa a diluir-se na realidade, o sol ali estava mesmo. Acima do comboio pássaros vencem o espaço, despertos, enquanto faço devaneio do que existe tão próximo. Vim ver o céu, a luz nas pradarias, vim ver com meus olhos antigos, não sei se ainda os possuo. Devo buscar a origem do brilho acumulado. A claridade entra pela janela, fere-me as pálpebras, faz recolher a fantasia.

Estou acordada quando algo se precipita: o estrondo, o entrechoque dos vagões. Naquele momento, senti-me atirada da cama, levada de roldão pelo corredor, jogada para fora do trem. Nos instantes que se seguiram não distingi uma coisa da outra: vozes, gritos, figuras, o ruído; tudo compacto, confuso, simultâneo. Mantinha a consciência nebulosa, as vistas ofuscadas pela luminosidade alta. Tinha a sensação de estar sendo tragada por uma fogueira. Apertava os olhos tentando descobrir se aquilo seria a deformação fantasmagórica da manhã que eu sentira nascer. Aos poucos consegui separar os elementos do oceano que me envolvia. A pesada máquina tombara e com incrível rapidez ardia em chamas que se misturavam à emanação solar intensa. Esforço-me para manter os olhos abertos, a fim de ver o caminho por onde pudesse escapar. Cheia de pânico não sabia como me aproximara daquela montanha chamejante; a luz que me faz ver, agora o impede. Em meio ao vermelho-forte diviso sombras vagas, um espectro monstruoso contra o qual é em vão debater-se. Quase paralisada, o calor aumentando, desisto de ver, jogo-me em qualquer direção. Meu corpo escorrega sobre os outros. Todo som se torna inaudível, tudo esmagado pelo fluxo infinito que parece ter penetrado meu corpo, absorvendo-o; os sentidos esvaem-se subjugados.

Não sei o tempo, sou eu quem está dividida. A luz me perseguia. Havia desejado vê-la iluminando o trajeto, ou no crepúsculo; não assim. Tentei torcer o rosto para afastar a constante fulguração, alguém susteve

meu braço: Não toque o rosto por causa das queimaduras. A voz ecoava, vinha de longe, não queria ouvir, mas... precisava dizer a alguém...

— Escute, eu não vejo.

— São as queimaduras, ficará logo boa.

— Não é isso, não vejo coisas, apenas luz, ela está dentro e fora de mim incandescendo, num espaço enorme e vazio. Espere, quero contar-lhe para onde estava indo. Vivi em algum lugar, não lembro bem... havia bosques. Devia ser pequena: as árvores eram tão altas! Cedo brincava com os reflexos de sol nas fôlhas molhadas; ao despertar, as cortinas estavam descerradas. Mas depois... as árvores já não eram tão altas, havia tanto para fazer, a luminosidade já não me aparecia como uma festa. Emergi de onde as côres cintilam permanentemente para um outro mundo sem mistério, onde tudo é fabricado: a luz, as emoções. O mundo no qual se vive apressadamente, sem tempo para perceber. E aqui nos é concedida uma missão, uma tarefa, ou simplesmente um papel, e quase sempre tudo isto resulta no mesmo. Ah! a predeterminação, assim como rodas de engrenagem, vai empurrando para frente! Horas e lugares marcados. No entanto, se espera que algo diferente aconteça, amanhã. A claridade chega enquanto as pessoas dormem adiando o encontro, as máquinas iluminam a esperança da descoberta de uma paisagem nova. Um nôvo panorama para gente velha que escondeu de si o brilho que não gasta, não precisa trocar, é sempre nôvo quando existe.

Tente o homem descobrir-se em meio às coisas que o invadem, a nova marca dentifrícia precisa ser experimentada, o nôvo modelo de automóvel comprado. Compra-se verão ou veraneio; compra-se sol, claridade?

Eu havia marcado um encontro com a luz, a hora foi imprópria.